

A Jornada do herói em *Querido Lula: cartas a um presidente na prisão*

The hero's journey in *Querido Lula: cartas a um presidente na prisão*

El viaje del héroe em *Querido Lula: cartas a um presidente na prisão*

FÁTIMA LÚCIA MAULEÓN¹

BARBARA HELLER²

MAURÍCIO RIBEIRO DA SILVA³

RESUMO: O artigo trata de estruturas narrativas e arquétipos da cultura ocidental e sua atualização. Tem por objetivo analisar a estrutura mítica da Jornada do herói, no livro “Querido Lula: cartas a um presidente na prisão” (CHIRIO, 2022). Baseia-se na semiótica da cultura (BYSTRINA, 2009), na filosofia simbólica e mitologia comparada (CAMPBELL, 1992) e nos vínculos comunicativos (SILVA; BAITELLO JR., 2013). Os resultados indicam a força da cultura pelos missivistas: Lula realiza a jornada do herói.

PALAVRAS-CHAVE: Jornada do herói; mito; símbolos

ABSTRACT: The article deals with narrative structures and archetypes of Western culture and their updating. It aims to analyze the mythical structure of the Hero's Journey, in the book “Querido Lula: letters to a president in prison” (CHIRIO, 2022). It is based on the semiotics of culture (BYSTRINA, 2009), symbolic philosophy and comparative mythology (CAMPBELL, 1992) and communicative links (SILVA; BAITELLO JR., 2013). The results indicate the strength of culture for letter writers: Lula completes the hero's journey.

KEYWORDS: Hero's journey; myth; symbols

1. PPGCOM UNIP.

2. PPGCOM UNIP.

3. PPGCOM UNIP.

RESÚMEN: El artículo aborda las estructuras narrativas y arquetipos de la cultura occidental y su actualización. Se pretende analizar la estructura mítica del Viaje del Héroe, en el libro “Querido Lula: cartas a un presidente en prisión” (CHIRIO, 2022). Se fundamenta en la semiótica de la cultura (BYSTRINA, 2009), la filosofía simbólica y la mitología comparada (CAMPBELL, 1992) y los vínculos comunicativos (SILVA; BAITELLO JR., 2013). Los resultados indican la fuerza de la cultura para los carteros: Lula completa el viaje del héroe.

PALABRAS CLAVE: Viaje del héroe; mito; símbolos

INTRODUÇÃO

Mitos são enunciados simbólicos fundadores da condição e da experiência humanas, pois apresentam temas fundamentais: o principal deles é o mito do herói, contado e recontado em diferentes culturas e épocas. Campbell (1992) constatou a existência de uma estrutura básica comum às narrativas míticas de todas as culturas sobre essa figura: ele desperta da banalidade do cotidiano de homem comum para vivenciar eventos trágicos e extraordinários que o transformam, alcançando formas humanas aperfeiçoadas. Entre os deuses e o homem comum, está o herói, ressignificado no tempo.

Na cultura ocidental, o grego Aquiles, primeiro grande herói, vem sendo atualizado. Luiz Inácio Lula da Silva, destinatário das cartas do livro “Querido Lula: cartas a um presidente na prisão” (CHIRIO, 2022), carrega em sua biografia a trajetória característica do arquetipo do herói: retirante nordestino, metalúrgico, líder sindical, ativista político, elege-se por dois mandatos consecutivos ao mais alto cargo do Poder Executivo, é encarcerado por acusações anuladas judicialmente e vitorioso na disputa eleitoral à presidência em 2023.

Neste artigo, objetivamos analisar a estrutura mítica da Jornada do herói (CAMPBELL, 1992) no livro “Querido Lula: cartas a um presidente na prisão” (CHIRIO, 2022) discutindo a questão: como Lula performa a jornada do herói aos olhos dos missivistas? Para isso, apresentamos uma visão geral das missivas do livro e selecionamos a nona carta (CHIRIO, 2022, p. 62-68) por ser exemplar das categorias com as quais trabalhamos. Como metodologia, a análise de corpus discutiu elementos da semiótica da cultura (BYSTRINA, 2009), da filosofia simbólica e mitologia comparada (CAMPBELL, 1992) e dos vínculos comunicativos (SILVA; BAITELLO JR., 2013).

O artigo estrutura-se em três seções, excetuando-se a introdução e os referenciais. Na primeira, apresentamos a narrativa mítica como texto cultural (BYSTRINA,

2009); na segunda, estabelecemos um paralelo entre a estrutura da Jornada do herói – proposta por Campbell (1992) e adaptada por Martínez (2004) – e aspectos relevantes da biografia de Lula. Na sequência, analisamos a nona carta. Mostramos, ao final, que a construção de Lula como herói atualiza a ideia de mito e corresponde a todas as etapas previstas pelos estudiosos sobre o tema.

TEXTOS CULTURAIS, TEXTO CRIATIVO/IMAGINATIVO: MITO

Para a semiótica da cultura, textos são complexos de signos com sentido, vinculados por códigos terciários (códigos culturais); cumprem, para além da função de informar, função estética (emotiva e expressiva) e funções sociais, não raro simultaneamente, e respondem pela sobrevivência psíquica do homem.

Bystrina (2009) identificou nos códigos terciários uma estrutura básica, binária, como no mundo físico, sendo “vida-morte” (2009, p. 8) a oposição que fundamenta a estrutura dos códigos culturais, necessidade humana para tomada de decisão e execução das ações. Verifica, na cultura, as mesmas e típicas estruturas de motivos presentes nas fantasias, nos sonhos e nos delírios que alimentam os arquétipos: imagens de origem mitológica compartilhadas no inconsciente coletivo.

Em entrevista a Bill Moyers, Joseph Campbell (1990) afirma ser o mito o que nos faz perceber a relevância do que está acontecendo em nossas vidas e indica que, com a supressão das literaturas grega e latina e da Bíblia na educação contemporânea, “toda a tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu (1990, p. 14-15)”. Para o autor, essa informação antiga abarca temas

que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e enformaram religiões através dos séculos, têm a ver com os profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta (1990, p. 15).

Billy Moyers, na introdução do livro “O poder do mito” (1990), lembra conversas com Campbell para quem o tema principal da mitologia clássica é a mortalidade – causa de todo sofrimento humano e condição de vida – e existe uma função social agregadora nos ritos.

Centrando seu trabalho na busca pelo “caráter comum dos temas nos mitos do mundo”, Campbell (1990, p. 10) postula que a mitologia começou quando “nossos

primeiros ancestrais contaram histórias uns aos outros, a respeito dos animais que eles matavam para comer, e a respeito do mundo sobrenatural, para onde os animais pareciam ir quando morriam” (1990, p. 10). Acreditando em um ser invisível – o “senhor dos animais” (1990, p. 10), que exercia o poder de vida ou morte sobre os humanos –, julgavam que deveriam mandar de volta os animais para novos sacrifícios ou morreriam de inanição. Assim, a caça tornou-se um ritual de sacrifício e ambos, caçador e animal, tomavam parte de um círculo “místico, atemporal” (1990, p. 11) de morte, sepultamento e ressurreição. A representação desse ritual nas pinturas e literatura oral deu “forma ao impulso que passou a se chamar religião” (1990, p. 11). Quando esses indivíduos primitivos passaram da caça ao plantio, as histórias para explicar os mistérios da vida também mudaram, e “a semente se tornou o símbolo mágico do ciclo infinito” (1990, p. 11). A planta morria, era enterrada e sua semente renascia.

Observando os numerosos rituais de tribos primitivas ou das grandes civilizações antigas, Campbell (1992) verifica que seu objetivo era mobilizar as pessoas para ultrapassarem “difíceis limiares de transformação” (1992, p. 8), mudando padrões da vida consciente e inconsciente. Portanto, a função primária da mitologia e dos rituais seria disponibilizar os símbolos para o espírito humano avançar e resistir às fantasias humanas que o fazem regredir.

Para o mitólogo, esta é a trajetória do herói que confia em sua intuição, em seu verdadeiro ser e que “simboliza nossa capacidade de controlar o selvagem irracional dentro de nós” (1990, p. 8). Uma jornada cujo final leva não ao engrandecimento de si, mas à conquista da sabedoria e do poder para servir aos demais e redimir a sociedade.

Como primeira tarefa do herói, Campbell (1992) identifica sua retirada da vida comum e o início de “uma jornada pelas regiões causais da psique” (1992, p. 11) nas quais se encontram as dificuldades – “os demônios infantis de sua cultura local” (1992, p. 11) – com o intuito de entendê-las, destruí-las e entrar “no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções” (1992, p. 11), alcançando formas humanas aperfeiçoadas. O herói, homem ou mulher que venceu suas limitações históricas pessoais, renasce como homem eterno e universal e sua segunda tarefa é retornar, transformado, ao seu meio social e “ensinar a lição de vida renovada que aprendeu” (1992, p. 12).

A Jornada do herói, elaborada por Campbell, em “O herói de mil faces” (1992), a partir da verificação da existência de uma estrutura básica comum às narrativas míticas em todas as culturas, é descrita na Parte I do livro: A aventura do herói, em três capítulos: I. A partida (5 itens); II. A iniciação (6 itens); III. O retorno (6 itens).

Martínez (2004), expondo um “novo modelo de construção de histórias de vida para comunicadores sociais” (2004, p. 1), ressalta a importância dos relatos para atender ao impulso básico dos seres humanos de ouvir histórias e propõe um método de narrar, em 12 etapas, que combina três estruturas: 1. a estrutura de Campbell, com os elementos bases do padrão arquetípico do herói ; 2. a estrutura de Christopher Vogler, que faz adaptações à de Campbell direcionadas para o cinema; 3. a estrutura de Edvaldo Pereira Lima que visa a funcionalidade jornalística na construção de histórias de vida. Essas categorias serão aplicadas no item a seguir.

A JORNADA DO HERÓI NA TRAJETÓRIA DE LULA

Durante o período de encarceramento de Lula (07/04/2018 a 08/11/2019), milhares de pessoas manifestaram solidariedade ao então ex-presidente nos meios de comunicação digitais e em mais de 25 mil cartas endereçadas ao Instituto Lula⁴. O livro “Querido Lula: cartas a um presidente na prisão” reúne 46 missivas selecionadas e um caderno de imagens das cartas e objetos enviados.

Em todas as cartas, a figura de Lula é associada à do herói, até mesmo nas únicas duas em que aparecem críticas às suas decisões e ações. Com níveis diferenciados de reverenciamento, as marcas de sofrimento, perseguição, superação e transformação pessoal e social estão sempre presentes. Para analisarmos tal percepção, destacamos aspectos relevantes da sua biografia⁵: Luiz Inácio Lula da Silva nasceu em 27 de outubro de 1945 em Pernambuco e migrou, como retirante, para São Paulo em 1956. Sétimo de oito filhos, desde cedo enfrentou a pobreza. Aos 12 anos já trabalhava e, aos 14, com emprego formal, iniciou curso de torneiro mecânico. Em 1964, teve o dedo mínimo da mão esquerda cortado por uma prensa. Trabalhou em diversas fábricas até ingressar nas Indústrias Villares, onde se engajou no movimento sindical por influência de seu irmão, Frei Chico. Em 1969, tornou-se suplente na diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema. Casou-se com Marisa Letícia, em 1974. Em 1975, foi eleito presidente do sindicato, revolucionando o movimento sindical brasileiro: liderou as greves de 1978, após 10 anos sem paralisações operárias. Em 1980, fundou o Partido dos Trabalhadores (PT) e, após intervenção do Governo Federal no sindicato, Lula e outros dirigentes sindicais foram presos por 31 dias. Em 1984, destacou-se nas

4. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ffv9j>. Acesso em: 15 ago. 2024.

5. Disponível em: <https://encurtador.com.br/MFxKQ>. Acesso em: 15 ago. 2024 e em: <https://encurtador.com.br/qnaYf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

manifestações pelas Diretas Já. Em 1986, elegeu-se deputado federal e, em 1989, candidatou-se à Presidência, sendo derrotado. Liderou movimentos contra a corrupção, culminando no impeachment de Collor em 1992. Concorreu novamente à Presidência em 1994 e 1998, sem sucesso. Em 2002, venceu as eleições presidenciais e, em 2006, foi reeleito. Seu governo foi marcado por avanços sociais, mas também por denúncias de corrupção que resultaram em seu encarceramento em 2018, quando falecem sua esposa, um irmão e um neto. Libertado em 2019, teve suas condenações anuladas em 2021 e restabelecidos seus direitos políticos. Em 2022, casou-se novamente e, em outubro do mesmo ano, foi eleito presidente pela terceira vez, assumindo o cargo em 2023.

Adotando a estrutura da Jornada do herói proposta por Martínez (2004), em 12 etapas, passamos a demonstrar o paralelo entre cada etapa e a trajetória de Lula na biografia acima.

Primeira etapa: “Cotidiano” – “o universo do protagonista revelando conflitos que serão evidenciados na narrativa” (MARTÍNEZ, 2004, p. 5) – origem nordestina; condição de extrema pobreza; migração como retirante; infância voltada ao trabalho; primeiro emprego com carteira assinada; curso de torneiro mecânico; torna-se metalúrgico: primeira distinção em relação à sua família que lhe permite romper com o universo no qual está inserido.

Segunda etapa: “Chamado à aventura” – “situação que rompe com o cotidiano do herói” (2004, p. 5) – trabalhando em uma das principais metalúrgicas do país, Lula tem contato com o movimento sindical e as reivindicações por direitos trabalhistas.

Terceira etapa: “Recusa do Chamado” – “reluta em ingressar na aventura. O mentor orienta sobre os perigos e desafios da jornada” (2004, p. 5) – por intermédio de seu irmão, José (Frei Chico), Lula entra para o sindicato; torna-se presidente; dá nova direção ao movimento sindical com a realização de greves.

Quarta etapa: “Travessia do Primeiro Limiar” – “no limite entre o mundo conhecido e o desconhecido, ter convicção de que o passo a seguir é o melhor possível. Os Guardiões do Limiar advertem a não ir além dos limites aceitos pela sociedade” (2004, p. 5) – repressão policial ao movimento grevista; fundação do PT; enquadramento na Lei de Segurança Nacional: prisão de Lula e de outros dirigentes sindicais por 31 dias.

Quinta etapa: “Testes, aliados, inimigos” – “tempo de crises, porém de oportunidades de crescimento. Os coatores são presença marcante” (2004, p. 5) – implantação do PT com envolvimento de sindicalistas, intelectuais, políticos e representantes de movimentos sociais; perdas em disputas eleitorais; formação de aliança

política; primeiro mandato; segundo mandato; implementa políticas públicas de combate às desigualdades sociais.

Sexta etapa: “Caverna Profunda” – “o protagonista se aproxima do momento mais crítico da partida, no qual ocorre intenso processo de internalização” (2004, p. 5) – denúncia de corrupção passiva e lavagem de dinheiro contra Lula; morte da esposa; condenações em 1ª e 2ª instâncias.

Sétima etapa: “Provação Suprema” – “acontecimento central da narrativa, no qual o herói enfrenta seus maiores medos e vivencia o abandono de porções obsoletas da personalidade” (2004, p. 6) – prisão de Lula por 580 dias; morte de um irmão e de um neto: tempo de reflexão interna; opta pela legalidade e paciência; suporta o encarceramento; movimentos de apoio nacionais e internacionais: “Vigília Lula Livre”, envio de cartas e objetos.

Oitava etapa: “Encontro com a Deusa” – “assimilação dos atributos do sexo oposto, contato com os arquetípicos do masculino e feminino” (2004, p. 6) – Lula conhece a mulher com quem se casará ao sair da prisão, apoiadora durante seu período de encarceramento.

Nona etapa: “Recompensa” – “o objetivo é alcançado. O protagonista, transformado, tem maior consciência da sua realidade externa e interna” (2004, p. 6) – Lula é libertado; todas as acusações são anuladas por irregularidades processuais.

Décima etapa: “Caminho de volta” – “o herói transmite o conhecimento adquirido à comunidade” (2004, p. 6) – nova candidatura à presidência; promessa de retomada do projeto de combate às desigualdades sociais e defesa da democracia.

Décima primeira etapa: “Ressurreição” – “clímax da história, ocorre o último e mais perigoso encontro com a morte, catarse” (2004, p. 6) – processo eleitoral polarizado; violência; risco à democracia; vitória.

Décima segunda etapa: “Retorno com Elixir” – “após a experiência, ocorre a reentrada no mundo cotidiano” (2004, p. 6) – Lula assume a presidência; retoma o projeto de combate às desigualdades sociais e de fortalecimento das instituições democráticas.

Com Bystrina (2009), entendemos que a narrativa mítica do herói, como texto cultural, chega a todos os indivíduos, de todas as culturas, em todos os tempos, por caminhos sógnicos. Está presente no imaginário dos missivistas e do público leitor das cartas, determinando suas percepções de mundo.

Silva (2012) define a percepção humana como um processo fundado “nos sentidos do corpo”, mas que se constitui a partir das possibilidades de “aprender a perceber” (2012, p. 86). Dessa forma, determinada pela cultura, a realidade do mundo

é construída por meio da interação entre os sentidos biológicos disponíveis e os símbolos apreendidos na memória do indivíduo histórico desde tempos imemoriais. O símbolo é, portanto, “a interface entre o indivíduo e o mundo” (2012, p. 87).

Em sua argumentação, Silva (2012) adota a contribuição teórica de Pross (1980) para quem as “relações entre sujeito e o mundo mediadas por signos” (2012, p. 87) se alteram com o tempo, dada a transformação por que passa o indivíduo, o mundo ou mesmo “os próprios signos que vinculam objeto e sujeito” (2012, p. 87). No entanto, Pross identifica a existência de “sistemas de signos relativamente constantes” (2012, p. 87): “as experiências realizadas na primeira infância sobre a própria corporeidade e sua relação com outra materialidade que não pertence ao organismo do recém-nascido” (2012, p. 87). Define tais experiências como as fundantes “experiências pré-predicativas” (2012, p. 88) nas quais se constroem a linguagem e o pensamento abstrato e, assim, “toda a simbolização inerente ao desenvolvimento humano e, sobretudo, aos processos comunicacionais” (2012, p. 88). Concebe o corpo como primeira mídia, no qual se assenta o reconhecimento do símbolo, onde começa e ao qual retorna toda a comunicação. Predeterminam o comportamento simbólico, segundo o teórico, experiências espaciais e temporais como a “da distância”, “do interior e exterior”, “da aquisição da vertical”, “da saciedade e carência” (2012, p. 88-89) com consequências idênticas para todos os seres humanos e dotam as sensações de significados convertendo-as em percepções que constituem em “grande parte o fator subjetivo” (2012, p. 91), único capaz de construir conhecimento.

Acerca do espaço simbólico, Silva (2012) entende que a constituição da vertical atua como “métrica da percepção e decifração do mundo” (2012, p. 95) pelo homem; aponta a presença dos valores intrínsecos à vertical em toda a comunicação e, com Cassirer, afirma ser essa constituição o fundamento da “forma simbólica na linguagem” (2012, p. 97), servindo de base para a percepção de “oposições antitéticas presentes nas formações linguístico-intelectuais” (2012, p. 97). Segundo Silva (2012), nas binaridades espaciais e conceituais ocorre a presença simultânea dos valores conceituais positivos e negativos; simbolicamente, o valor positivo se associa ao que está acima e o valor negativo ao que está abaixo de uma referência inicial e esse binômio se realiza em diversas outras manifestações de mesmo tipo, formando uma “conjunção de símbolos (texto)” (2012, p. 101) interrelacionados. Na cultura, como exemplo desse processo no plano abstrato, estão as narrativas mitológicas.

Para Silva (2012), os papéis de emissor e receptor estão vinculados à valorização positiva e negativa presente na vertical e determinam “padrões de dominação simbólica” (2012, p. 92) no contexto comunicacional. Dado que a realidade

somente é acessada por meio de signos, é possível, como aponta Pross (1980, p. 75), a “direção dos homens por parte de outros homens, com a ajuda dos signos”. Os processos comunicacionais, assim, constituem-se de indivíduos que estabelecem vínculos transpassados pelos símbolos culturais, ocupam posições alternadas de emissão e recepção e têm em comum a constituição biológica e as experiências pré-predicativas, acessando, a partir disso, todo o arcabouço simbólico constituído na rede de vínculos: os textos culturais (BYSTRINA, 1995).

Silva (2012, 2013) considera a experiência corporal (espacial) como base do processo de vinculação e o vínculo como “compartilhamento simbólico unificador entre os sujeitos da comunicação” (2012, p. 35), sendo esta “um ambiente em permanente construção por seus participantes, todos exercendo múltiplas funções concomitantes e, portanto, saturado de indeterminação” (2013, p. 2). Apontando a complexidade do processo comunicacional, Silva (2013) cita Baitello (2008) para quem a meta desse processo não é a informação e, sim, estabelecer e manter vínculos, sendo o amor a matéria-prima que o forma. Nesse sentido, no processo de comunicar, estabelece-se um “compartilhamento simbólico por meio de vínculos cujas características fundamentais são a dialogicidade e o pertencimento a um ambiente comum (...), a construção paulatina, a perenidade e a profundidade (...)” (2013, p. 5-6).

O processo comunicativo que se estabelece entre missivistas, destinatário e leitores do livro “Querido Lula: cartas a um presidente na prisão” está permeado pelos elementos conceitualmente abordados até aqui. Nele, a jornada do herói é subjetivamente elaborada pelos missivistas; para a presente análise, agrupamos as narrativas por semelhanças na estrutura de motivos e experiências que apresentam.

Dentre as 46 cartas que compõem o livro, 14 apresentam relatos de vida marcados pela pobreza e sua superação associada às políticas públicas implementadas por Lula e identificam sua história com a do ex-presidente; 17 apresentam reflexões que ressaltam a luta de classes, a desigualdade social e a polarização política, identificando Lula como símbolo de transformação social e política; 13 apresentam a trajetória sindical e política de Lula, a figura do herói perseguido que resistirá, o apoio incondicional e a militância política dos missivistas; 2 apresentam reflexão crítica sobre as alianças e ações políticas das gestões de Lula, mantendo, apesar disso, a percepção da transformação social em seus governos. Selecionamos a nona carta do livro (p. 62-68) por ser exemplar na percepção de Lula como herói.

A NONA CARTA

A missivista inicia a carta contando “minha história, nossa história” (CHIRIO, 2022, p. 62). Afirma que, se não fosse por Lula, estaria condenada a uma “ordem social excludente que se perpetua e se reproduz desde os tempos mais remotos” (2022, p. 62). Temos, aqui, a primeira etapa da Jornada do herói, “Cotidiano”: o universo de Lula, e da missivista por identificação, com seus conflitos. Hoje professora de história, relata que, nos anos 1980, acompanhou “o movimento das Diretas Já” (2022, p. 62), e sofria os “rescaldos da ditadura militar como sofremos até hoje, ela sempre a nos assombrar” (2022, p. 62). Encontramos o herói, e Lula, na segunda e terceira etapas de sua jornada, “Chamado à aventura” e “Recusa do Chamado”: o contato de Lula com o movimento sindical; o encaminhamento de Lula pelo mentor, Frei Chico, para a presidência do sindicato e a nova direção que ele implementa ao movimento sindical; a atuação de Lula no movimento “Diretas Já”. Retomando a época do governo Sarney, a missivista relembra a restrição de alimentos na “mesa do pobre” (2022, p. 62) causada pelo alto custo de vida; compara esse período com a situação nos governos Lula e Dilma, “quando comer não era mais uma luta diária” (2022, p. 63), para retomar a mesma situação revivida no governo Bolsonaro. Naquela época, sua mãe, empregada doméstica que mantinha sozinha a criação dos filhos, tinha um segundo emprego na sede do PT. Quando precisava, levava a missivista ao trabalho e foi assim que ela começou “a ter consciência do mundo da política, porque percepção da desigualdade social, do preconceito de classe e da humilhação cotidiana, a gente que é pobre aprende a ter desde que nasce” (2022, p. 63). Localizamos a quarta e a quinta etapas da jornada, a “Travessia do Primeiro Limiar” e “Teste, aliados, inimigos”: Lula funda o PT e, depois de perdas eleitorais iniciais, é eleito presidente da república em dois mandatos consecutivos nos quais implementa políticas públicas de combate à miséria, à desigualdade social e de acesso à universidade. Lembrando de quando prestou vestibular, a missivista afirma que, apesar de “todo esforço de uma estudante de escola pública, que começara a trabalhar com 13 anos, e, desde então, passara para o turno da noite” (2022, p. 63), não consegue entrar no curso de Direito, dada a desigualdade na concorrência por vagas com alunos de escolas particulares. Menciona a política de cotas raciais e de egressos do ensino público, implementadas nos governos Lula e Dilma, para argumentar que se já existissem anteriormente,

talvez o Judiciário fosse, hoje, uma instituição mais arejada, justa e responsável e não um instrumento de manutenção de privilégios e do ‘status quo’, atuando com

mão de ferro contra uns, mesmo sem provas, e fechando os olhos para outros, com provas em abundância; agindo à revelia da Constituição e de acordo com os ventos instáveis da política. (2022, p. 64).

Aqui faz a primeira menção à perseguição sofrida por Lula. A missivista continua o relato de sua trajetória: o ingresso no curso de História, no qual desenvolveu o “senso crítico acerca da realidade que nos cerca” e pôde romper “com as amarras de classe” que condenam os “nascidos pobres” (2022, p. 64); depois mestrado, doutorado e pós-doutorado; e, como bolsista, morando na França. Credita tudo isso, e a mudança ocorrida na vida de muitos estudantes como ela, aos governos do PT. Hoje, professora concursada em universidade pública, continua presenciando o impacto dessas mudanças. Retomando a percepção de perseguição a Lula, conta que em “protesto à perseguição que o senhor vem sofrendo diuturnamente, sem trégua, no dia 10 de maio de 2017, dia do seu depoimento em Curitiba, filiei-me formalmente ao PT” (2022, p. 66). Entende que as mudanças benéficas ocorridas não são percebidas devido à influência das “mídias hegemônicas e seus agentes, a Rede Globo especialmente, e por serem, as novas gerações, incapazes de aprender com as experiências de outras gerações” (2022, p. 66). Conclui que essa geração relativiza os feitos de regimes autoritários, totalitários e de políticas de extermínio e tortura. Verifica-se, aqui, o observado por Campbell (1990) sobre a falta de familiaridade das novas gerações com a tradição de informação mitológica do Ocidente. Diante do sofrimento de Lula, a missivista declara que uma multidão o apoia e luta por sua libertação para que ele retome “sua trajetória de luta, para a qual sempre esteve predestinado” (2022, p. 67). A linguagem, neste trecho, revela sua simbolização do herói. Passamos, no trecho acima, pela sexta, sétima e oitava etapas da jornada, “Caverna Profunda”, “Provação Suprema”, “Encontro com a Deusa”: denúncia e condenação injustas de Lula; encarceramento por 580 dias; sofrimento extremo com tragédias pessoais (morte do irmão e do neto) agravado com a negativa judicial ao pedido de Lula para comparecer ao velório de ente da família; apoio nacional e internacional; entre os apoiadores, está aquela com a qual se casará. A carta é escrita nesta etapa da vida de Lula, portanto, as etapas posteriores da jornada do herói não aparecem como fatos, mas como esperança por um desfecho favorável ao ex-presidente e conforto para que aguente a provação: “vamos renascer mais fortes e unidos contra a ameaça à democracia, ao estado de direito e à ofensiva fascista” (2022, p. 66); “que nossos filhos e entes queridos não sofram, no futuro, as consequências da nossa passividade diante das perdas, sucessivas e sistemáticas, de direitos civis e políticos” (2022, p. 67); “D. Mariza e sua mãe estão,

em algum lugar, lhe protegendo, zelando pelo filho mais nobre dessa nação” (epíteto do herói e apoio no plano sobrenatural) (2022, p. 68); “Como ideia, o senhor está em todos os lugares, fazendo pensar, e como semente germina vigorosamente nas nossas mentes e corações” (2022, p. 68); “agente firme” (2022, p. 68); “agradeço tudo o que o senhor fez e ainda irá fazer pelo povo brasileiro” (2022, p. 68); “um país melhor, onde a igualdade não seja apenas uma palavra vazia de sentido e significado e onde os sonhos não envelheçam nunca” (2022, p. 68). Esses trechos nos colocam nas nona, décima, décima primeira e décima segunda etapas da jornada, “Recompensa”, “Caminho de Volta”, “Ressureição”, “Retorno do Elixir”: libertação de Lula e anulação das condenações; nova candidatura e promessa de retomada dos projetos sociais; processo eleitoral polarizado e violento e vitória; Lula assume a presidência, transformado pela jornada, e sua tarefa é transformar seu meio social e ensinar o que aprendeu. A estrutura da narrativa mítica do herói comum a todas as culturas materializa-se, atualizada, no relato da missivista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos culturais, entre eles o mito, apresentam um caráter comum de temas como exigência de centralização de princípios profundos na psique humana. Incorporadas à cultura pela tradição, estruturas narrativas e arquetípicos estão presentes na contemporaneidade e os símbolos que trazem são atualizados no pensamento e ações humanas. Os processos comunicacionais envolvidos nessa transmissão constituem-se de indivíduos que estabelecem vínculos cuja natureza é transpassada pelos símbolos culturais. Estes, por sua vez, não apresentam significados contidos em si mesmo e são potencialmente variáveis e infinitos, visto que dependem da capacidade de seu intérprete de mobilizar outros símbolos.

O processo comunicativo que se estabelece entre missivistas, destinatário e leitores do livro “Querido Lula: cartas a um presidente na prisão” está permeado por elementos relativos às experiências pré-predicativas, ao compartilhamento simbólico, aos vínculos comunicacionais, aos papéis de emissor e receptor, e é vivenciado em um ambiente de construção e intervenção permanentes entre seus participantes.

A narrativa da Jornada do herói nas cartas, pautada na intencionalidade consciente e inconsciente de produtores e receptores na formação dos signos a serem mobilizados, revela, na forma simbólica de sua linguagem e em seu conteúdo, a percepção de oposições binárias fundamentais (BYSTRINA, 2009) para a tomada de decisões e execução da ação e para a demarcação de conceitos e objetos que

participação na construção da realidade do mundo pelos agentes envolvidos na comunicação. Subjetivamente elaboradas, as cartas estão conectadas pelo elo simbólico dos vínculos comunicacionais e compartilhamento de experiências sígnicas.

Na carta analisada, a jornada de Lula é a Jornada do herói, descrita, como no mito, “como uma vida vivida em termos de autodescoberta” (CAMPBELL, 1990, p. 8), cujo final leva à conquista da sabedoria e do poder para servir aos demais e redimir a sociedade, e não ao engrandecimento de si. Como a semente que se tornou o símbolo mágico do ciclo infinito, a “verdade eterna” (CAMPBELL, 1990, p. 11) para os antepassados, Lula aparece, atualizando esse símbolo, no relato da missivista: “como ideia, o senhor está em todos os lugares, fazendo pensar, e como semente germina vigorosamente nas nossas mentes e corações” (CHIRIO, 2022, p. 68). A força estruturante da cultura se manifesta. A curadoria das cartas enfatiza a narrativa mítica do herói e mobiliza a estrutura binária dos códigos culturais para construir percepções e alcançar resultados de aceitação no público.

REFERÊNCIAS

- BYSTRINA, I. **Tópicos de Semiótica da Cultura**: Aulas do Professor Ivan Bystrina – maio de 1995 – PUC/SP. CISC, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://encurtador.com.br/gCFhS>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- BIBLIOTECA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Biografia**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/MFxBKQ>. Acesso em: 17 dez. 2023.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1992. 199 p.
- CAMPBELL, J.; MOYERS, B. **O poder do mito**. Org. por Betty Sue Flowers. São Paulo: Palas Athena, 1990. 250 p.
- CASSIRER, E. [1915]. **A Filosofia das Formas Simbólicas, vol. 2**: o pensamento mítico. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 440 p.
- CHIRIO, M. (Org.). **Querido Lula**: cartas a um presidente na prisão. São Paulo: Boitempo, 2022. 240 p.
- FRAZÃO, D. **Luiz Inácio Lula da Silva – Presidente do Brasil. e biografia**. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qnaYf>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- MARTÍNEZ, M. **Jornada do Herói**: A Estrutura Narrativa Mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo. Portal Intercom, 2004. Disponível em: <https://encurtador.com.br/3sdMx>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- PROSS, H. **Estructura Simbolica del Poder**. Barcelona: Gustavo Gili, 1980. 177p.
- SILVA, M. R. da. **Na órbita do imaginário**: comunicação, imagem e os espaços da vida. São Paulo: Bluecom Comunicação: UNIP, 2012. Disponível em: <https://encurtador.com.br/GoVuC>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SILVA, M. R. da; JUNIOR, N. B. Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana. *In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS*, 22., 2013, Salvador. **Anais...** Salvador: Universidade Federal da Bahia, 04 a 07 de jun de 2013.

SOBRE OS AUTORES

Fátima Lúcia Mauleón é mestranda do PPGCOM UNIP, bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Graduada em Letras e Pedagogia pela USP, especialização em Educação (USP), pós-graduação Lato Sensu em Língua e Literatura (Universidade Metodista). Docente na rede pública e privada de ensino.

ORCID: 0009-0002-6400-074X.

E-mail: fatima28lm@gmail.com.

Barbara Heller é doutora em Teoria Literária pela Unicamp, docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP). É líder do Grupo de Pesquisa Narrativas da Memória: Representações, Identidades e Culturas, fundadora da Rede de Pesquisa Rememora, além de parecerista ad hoc da Fapesp e de diversos periódicos em comunicação.

ORCID: 0000-0002-8997-0155.

E-mail: b.heller.sp@gmail.com.

Maurício Ribeiro da Silva é doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) com pós-doutorado em Comunicação em Cultura (ECO-UFRJ). Professor Titular e Coordenador do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP-SP), membro do Grupo de Pesquisas em Mídia e Estudos do Imaginário e do Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia. Desenvolve pesquisas em Comunicação envolvendo questões relacionadas à Teoria da Mídia e Teoria da Imagem a partir da perspectiva do imaginário. Foi presidente da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – Compós, biênio 2019-2021, Pró-Reitor Acadêmico (Centro Universitário Módulo – Caraguatatuba/SP), Diretor de Planejamento de Ensino (Centro Universitário de Maringá – Maringá/PR) e Assessor Especial da Pró-Reitoria de Extensão (Universidade Cruzeiro do Sul/SP). É autor do livro “Na Órbita do Imaginário: comunicação, imagem e os espaços da vida” (Bluecom, 2012) e coautor de “Mobilidade, Espacialidade, Alteridades” (EDUFBA/

Compós, 2018), “CISC 20 Anos: comunicação, cultura e mídia” (Bluecom, 2012) e “O Espírito do Nosso Tempo” (Annablume, 2004).

ORCID: 0000-0002-7152-2581.

E-mail: mauricio.silva@docente.unip.br.

Recebido em 22 de abril de 2024 e aprovado em 08 de junho de 2024.